

O Ensino da Língua Inglesa como Língua Estrangeira em um Projeto de Educação de Jovens e Adultos

RESUMO: Este trabalho de pesquisa tem o intuito de discutir a trajetória de aprendizagem em Língua Inglesa dos alunos do Projeto Telessalas, projeto de Educação de Jovens e Adultos, desenvolvido pela Superintendência de Extensão da Universidade da Amazônia – UNAMA, apontando as dificuldades enfrentadas por aqueles que há anos não estudavam e/ou nunca tiveram algum contato com o idioma; as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas, tanto pelos professores, alunos, quanto por mim, coordenadora, na superação dos entraves observados no início da implementação do projeto, e por fim, sugerir intervenções possíveis para o bom andamento da aprendizagem e aplicabilidade do idioma como ferramenta imprescindível na sociedade de hoje. O campo de pesquisa foi o próprio projeto, onde através de observações, estudos dirigidos que mostraram o que trazem a internet e as propagandas (ferramentas muito usadas em nosso meio); aplicação de questionários, exercícios de verificação de aprendizagem, a luz do que estudiosos tais como Jeremy Harmer, dentre outros, nos esclarecem a respeito; chegou-se a um resultado satisfatório, na medida em que os alunos constataram a necessidade de aprender o idioma, e, ao final do projeto, falar, escrever e ouvir com mais habilidade a fim de fazer diferença em uma sociedade cada vez mais excludente.

Palavras-Chave: Ensino-aprendizagem. Língua Inglesa. Projeto Telessalas

Para o ensino de línguas estrangeiras, é importante focalizarmos questões tais como a função e o papel da linguagem colocados em prática através de ações que possam levar o estudante a usar efetivamente a língua e entender suas manifestações, adquirindo assim um conhecimento lingüístico que lhe permita conviver com a diversidade e, ao mesmo tempo, assumir a responsabilidade pela defesa de seus direitos de cidadão e de sua vida pessoal.

Partindo da perspectiva de que um professor de inglês-língua estrangeira, preocupado com a qualidade das interações às quais os alunos se expõem no decorrer do processo educacional, uma pergunta se destaca: o ensino de línguas está ajudando a formar usuários capazes de lidar com os desafios do século?

No panorama atual do ensino de língua estrangeira, é senso comum a idéia de que a língua inglesa é imprescindível na vida moderna, seja por motivos mais óbvios, advindos da necessidade de comunicação e de atualização profissional, seja por interesses à cultura de outros países. Para alcançar essas metas, professores de língua estrangeira têm dirigido todo seu esforço e atenção para abordagens, estratégias e técnicas que possam vir a motivar e aperfeiçoar o ensino-aprendizagem. A grande preocupação com "o que" ensinar (o conteúdo) e com "o como" ensinar (as atividades a serem aplicadas) e com "o como" os alunos aprendem (o processo cognitivo) revela-se nas duas grandes tendências de ensino de inglês no Brasil, que são a abordagem comunicativa (especialmente valorizada nos cursos livres) e o

ensino para fins específicos mais dedicado à compreensão de textos escritos. Além dessas perspectivas, a grande maioria das escolas, públicas e privadas, seguem ensinando estruturas e regras gramaticais da língua, que servem muito pouco para a vida prática.

Daí a discussão de alguns teóricos acerca das dinâmicas em sala de aula – professores que planejam suas aulas, flexionando e adaptando-as conforme a necessidade do alunado, disponibilizem recursos didáticos e estratégias de aprendizagem que atraiam a atenção e respondam as expectativas dos mesmos. Neste sentido, como disponibilizar um estudo que contemple, no caso deste objeto de estudo, a grade curricular do Ensino Médio em 2 meses e efetivamente traga algo de útil e aplicável à vida dos alunos trabalhadores?

A partir das observações feitas no projeto, constatou-se o quão é difícil, para aqueles que há muito tempo não freqüentam uma escola, estudar, sobretudo uma língua estrangeira, no caso a língua inglesa. Os alunos vêm com um entrave, quer de ordem psicológica (medo, desânimo, etc.) ou mesmo física (a idade) que só um trabalho, no mínimo bem desenvolvido e interessante podem surtir algum efeito.

Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a prática das abordagens de ensino, que comumente são embasadas por um conceito de linguagem ideal, trabalhadas com a pretensão de desenvolver uma competência comunicativa gramatical ou interpretativa desvinculando o conhecimento lingüístico das práticas sociais.

Dentre essas abordagens, o enfoque comunicativo propõe trabalhar o uso da língua e se concretiza na sala de aula através da total adesão ao conteúdo e técnicas propostos pelo livro didático adotado. Esses livros, geralmente, apresentam situações de uso e conduzem atividades para prática de atos de fala, tais como cumprimentar, convidar, perguntar direções, prestar informações e outras, concomitantemente à regras gramaticais que viabilizam, por exemplo, a elaboração de perguntas, o uso de tempos verbais e de preposições. A partir desses elementos, os alunos são levados a treinar e realizar diálogos, em contextos específicos pré-estabelecidos, fazendo uso das fórmulas previamente apresentadas.

A língua estrangeira é ensinada como instrumento de comunicação; mas para que ensinamos e aprendemos inglês? Para viajar ao exterior e saber como dizer *How are you?*, *I'm fine thanks*; *Good morning*; *Come in*; cantar *hits* do momento? Também, mas diante do mundo globalizado de hoje, faz-se necessário compreender tudo aquilo que está ao nosso redor, tais como a internet, as propagandas do tipo "*Here, you are the one*"; "*Rent a car*"; "*Wash your clothes*"¹ tão presentes em nosso meio e fazer uso desses recursos. Os alunos

¹ Dentre outros exemplos identificados nos trabalhos de pesquisa feitos pelos alunos da turma J / Ensino Médio do Projeto Telessala

chegam ao projeto falando da importância de estudar inglês, mas não sabem efetivamente o por que desta importância. Sabem da existência da Internet e dos benefícios que pode trazer às suas pesquisas escolares mas não como fazê-la. Alguns querem saber falar inglês porque acham bonito, como identificamos na fala de um dos alunos, que ao ser questionado sobre a importância do idioma respondeu: *“Pelo menos eu vou poder imitar melhor o Bom² Jovi”*, ou para compreender *“o que o gringo me disse”*

Tudo indica que a língua estrangeira está sendo aprendida em termos de interações triviais, uma aprendizagem da língua-objeto em suas estruturas e convenções, recortadas e modeladas em quadros mais ou menos fixos. Aprender uma língua estrangeira passa a ser decifrar, reproduzir e transmitir informações, a partir de regras e expressões invariáveis, de uso trivial. Por outro lado, ao direcionar o ensino de línguas, não estaríamos “compartimentalizando” o conhecimento dentro de um nível estritamente lingüístico, tornando-o neutro, desconectado da experiência e da vida social?

Não há dúvidas de que os conhecimentos acerca do funcionamento lingüístico são necessários para o desempenho comunicativo do aluno, mas é preciso também dar uma maior amplitude a esse saber, reconhecendo-o como inerente aos discursos das línguas, suas condições de produção, seus bens culturais e suas histórias. O processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é provocador de conflitos, pois é advindo das tentativas dos estudantes em compreender modos diferentes de expressar e de interpretar a vida, de levar o desconhecido a fazer sentido em seu mundo. O conflito de acomodar um novo modo de dizer e ver as coisas abre a possibilidade de ver, sob outro ponto de vista, sentidos que antes pareciam incompreensíveis, abrindo caminho para novas experiências.

Paralelamente às abordagens comunicativas, o ensino de uma língua estrangeira também tem espaço para interpretação de textos, espaço esse justificado pela necessidade mais imediata e próxima da realidade do aluno: a de ler textos³ em inglês. Essa abordagem se volta para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, através de estratégias de leitura e para a aquisição de habilidades lingüísticas, necessárias para que a compreensão se realize, sobretudo porque a leitura é um recurso que vai muito além da verificação de pronúncia e entendimento de um texto. Reflexão esta que Jeremy Harmer (2002, p. 68) aponta em seu livro “How to Teach English”:

² A grafia foi registrada como está no trabalho do aluno

³ Refiro-me a letras de músicas e textos que os próprios alunos pesquisaram seguindo suas áreas de interesse

Reading texts also provide opportunities to study language: vocabulary, grammar, punctuation, and the way we construct sentences, paragraphs and texts. Lastly, good reading texts can introduce interesting topics, stimulate discussion, excite imaginative responses and be the springboard for well-rounded, fascinating lessons.

No desenrolar do processo de ensino-aprendizagem, é válido ressaltar que trabalhar com essa abordagem não é nada fácil, pois para os alunos desenvolverem essas habilidades, precisam de tempo e disposição para ler, refletir e interagir sobre e com o conteúdo apreendido. Contudo, alegam que não tem tempo e, quando não estão em sala de aula, precisam dar atenção aos filhos, à família, a casa. Daí a necessidade de trabalharmos estratégias de aprendizagem com eles e propor atividades que não demandassem de muito tempo; dever de casa, só em último caso!

Segundo Oxford (1990), cabe aos alunos terem conhecimento que as estratégias de aprendizagem de línguas são influenciadas segundo *“motivation, gender, cultural background, attitudes and beliefs, type of task, learning style and tolerance of ambiguity”*, acrescentando que *“The language learner capable of using a wide variety of language learning strategies appropriately can improve his language skills in a better way”*.

Segundo Harmer (2002),

It is, of course, possible for adults to suffer from boredom in class, especially when they are studying on a full-time and/or have studied the same kind of class for a long time. Such people may respond well to lessons that are entertaining and which use enjoyable activities to facilitate language learning. We won't want to treat them like children, but some of them might, nevertheless, respond well to a lighter style of learning which does, indeed, involve quizzes, puzzles and the study of contemporary songs. Good teachers are able to balance the serious study of English with the more entertaining activities that they think their students sometimes need. By watching their classes and asking their students what they think and feel, they can select a judicious blend of activity and style. (p.11-12)

É imprescindível que o trabalho desenvolvido chame a atenção dos alunos e, sobretudo, justifique o ensino do idioma. E assim o fizemos, desenvolvemos atividades que chamassem a atenção dos alunos, tais como os recursos da internet – *e-mail, sites, blogs, fotologs* e aproveitando um assunto que estava em voga no momento – a anorexia - acessaram um blog que tratava do assunto, observaram as “postagens” (comentários de pessoas que acessam o blog) e discutiram o assunto.

Segundo Soares (2005), do ponto de vista do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, há alguns recursos da Internet mais relevantes que outros. São eles: A World-Wide-Web, o e-mail, o chat (sala de bate papo) e os grupos de discussão (newsgroups), que de

uma maneira geral permitem “a volta ao mundo em tempo real”. Em outras palavras, acesso à muitas informações e conteúdos significativos ao ensino e interação com a língua. Ainda que não desse tempo de trabalhar com todas elas (considerando o tempo da disciplina) pudemos introduzir algumas delas e perceber a satisfação dos alunos no desenvolver das atividades.

Adaptamos atividades orais tais como os diálogos e produções textuais conforme a realidade dos alunos. Por exemplo, o aluno que trabalha no comércio, encenou um diálogo de uma situação comum de trabalho – um estrangeiro nas compras – e pode desenvolver uma fala que logo poderá por em prática.

Essa dinâmica geralmente não acontece nos livros didáticos, sobretudo naqueles defasados, que é o caso dos do Telecurso 2000, suporte do projeto. Os materiais didáticos, em geral, focalizam, em primeiro lugar, estratégias de processamento das informações do texto (sejam elas verbais ou icônicas), em seguida destacam o vocabulário (palavras chaves, sinônimos etc.) e, por último, explicitam itens gramaticais (tempos verbais e classes de palavras) considerados relevantes para a interpretação do texto em questão. No entanto, verificamos que são textos desvinculados de sua realidade - oriundos de outras regiões e camadas sociais.

If they are all business people, the teacher may well want to concentrate on business texts. If they are science students, reading scientific texts may be a priority. But if, as is often the case, they are mixed group with differing interest and careers, a more varied diet is appropriate. Among the things the teacher might want them to read are magazine articles, letters, stories, menus, advertisements, reports, play extracts, recipes, instructions, poems, and reference material. (Harmer, 2002, p.69)

Harmer explica que o professor tem por “obrigação” adaptar as atividades propostas nos materiais didáticos e jamais se prender somente nelas porque os alunos são diferentes e necessitam de abordagens diferentes para que a língua se internalize.

As situações observadas nos livros didáticos mostram que a abordagem instrumental (compreensão e interpretação de textos) dá-se na identificação e no reconhecimento sucessivo de idéias, vocabulário e gramática, com o objetivo de alcançar a internalização. Nessa reprodução do mundo externo pela mente do indivíduo, não há lugar para reconstrução de experiências, onde o aprendiz, na relação com os discursos, tenha a oportunidade de transformar o conhecimento, integrando-o às suas práticas sociais. Mesmo os materiais didáticos que solicitam do aluno uma avaliação crítica das idéias contidas no texto, não alcançam seu objetivo, uma vez que, até o momento dessa avaliação, a leitura é generalizante,

artificial, monitorada pelo professor que acaba modelando e sobrepondo a crítica e o espaço do aluno, o verdadeiro aprendiz.

Neste sentido, pensamos⁴ que a base das mudanças pedagógicas está no diálogo que possibilita ligação entre as propostas curriculares, vivência dos alunos e habilidades dos professores. Os conhecimentos não se colocam no mundo como objetos independentes a serem avaliados via disciplinas compartimentalizadas, nas quais os conteúdos estritamente técnicos e neutros se sustentam por e para si mesmos.

Nessa perspectiva, o ensino de línguas poderá atender às exigências do mundo moderno, “instrumentalizando” o aluno, cidadão do mundo, para um conhecimento da gramática, do léxico e das condições de uso da língua, fazendo com que esse desempenho possa ajudá-lo a enfrentar os desafios do mundo globalizado. E neste ponto é que obtivemos um resultado bastante satisfatório⁵ no projeto, ao introduzirmos alguns recursos da Internet, da propaganda e perceber que a aprendizagem do idioma passa a ser construída pelos próprios alunos e não pelos professores e livros textos.

Vale salientar que, a conscientização do aluno depende de um trabalho sistemático, desenvolvido no sentido de promover o diálogo e a interpretação crítica e, por conseguinte, afastar o ensino do conhecimento puramente informacional, da colagem de idéias, da definição precisa de uma única voz. Aprender uma língua não é somente reconhecer e usar modelos morfosintáticos pré-estabelecidos ou analisar sua organização enquanto sistema. É também saber que uma ou várias culturas e ideologias circulam nos discursos dessa língua, é saber aceitar, entender, recusar, controlar, analisar seu papel e sua função, nos diferentes contextos histórico-sociais.

Referências:

ARWEN. “ Adeus gordura, adeus barriga”, Disponível em: <http://www.adeusgordura.blogspot.com>. Acesso em 23 mar.2007

HARMER, Jeremy. How to Teach English. England: Longman, 2002

OXFORD, Rebecca. Language ing strategies: what every teacher should know. Boston: Heinle& Heinle, 1990.

SOARES, Rosa Maria. “ A Internet no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira”, Disponível em: <http://www.dei.isep.ipp.pt/~rosoares/rosa.htm> Acesso em 02 mai.2006.

⁴ O professor do módulo de inglês, os alunos da turma J (sujeitos da pesquisa) e eu.

⁵ Na medida em que os alunos ficaram fascinados ao poderem interpretar textos e praticar a pronúncia